



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

Aristóteles sobre a memória e a anamnese e os seus movimentos

Aristotle on memory and anamnesis and their movements

Marcos Júnior Junges Panciera¹

Resumo

Este trabalho apresenta comentários ensaísticos a um exercício de tradução em língua portuguesa do texto aristotélico *De memoria et reminiscencia* a partir do texto grego, que foi objeto de nossa Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 2023. Estes comentários têm em vista oferecer interpretação complementar à introdução aos estudos de filosofia da memória e uma contribuição original à interpretação da obra na área de filosofia grega antiga.

Palavras-chave: Filosofia Antiga, Filosofia da memória, Aristóteles.

Abstract

This work presents essayistic commentaries on a translation exercise into Portuguese of Aristotle's text *De memoria et reminiscencia* from the Greek text, which was the subject of our Master's Dissertation submitted to the Postgraduate Program in Philosophy at the Federal University of Santa Maria (UFSM) in 2023. These comments aim to offer a complementary interpretation to the introduction to studies in the philosophy of memory and an original contribution to the interpretation of the work within the field of ancient Greek philosophy.

Keywords: Ancient Greek Philosophy, Philosophy of Memory, Aristotle.

Introdução

O *De memoria et reminiscencia* é o nome latino para o segundo tratado de Aristóteles no compilado *Parva Naturalia* — ou simplesmente *De Memoria* como é tradicionalmente conhecido o tratado *Περί Μνήμης και Αναμνησεως* (*Peri Mnemes kai Anamneseos*) aqui traduzido por *Sobre a Memória e a Anamnese*. As contribuições de comentários interpretativos a um exercício de tradução do mencionado texto constituem o presente trabalho.

¹ Marcos Júnior Junges Panciera é bacharel, mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. O presente artigo é uma atualização de parte integrante da dissertação de mestrado defendida em 2023 e está sendo apresentado neste congresso com autorização do autor.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

A divisão entre memória e anamnese é própria ao sistema aristotélico e à sua teoria da memória. O conceito de memória de Aristóteles será terreno de discussão através de séculos na história da filosofia entre filósofos cristãos e muçulmanos no medievo e no princípio da era moderna. Por sua vez, a anamnese não encontra o mesmo paralelo e é uma atividade cognitiva própria do sistema aristotélico e a sua divisão de níveis do mental. Também, a divisão do tratado *De Memoria* entre uma primeira parte sobre a memória e outra sobre a anamnese não é bem precisa, uma vez que a segunda parte dá continuidade a tópicos da primeira, complementando as posições anteriores. Assim, o que este trabalho se propõe é destacar a divisão tradicional ao mesmo tempo que tematiza problemas filosóficos na natureza da memória e da anamnese, sobretudo em suas relações com o movimento e o tempo.

Ensaio

πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὀρέγονται φύσει. (*Met.* I, 1, 980a22)²

“Por natureza todos humanos buscam conhecer”. A abertura da *Metaphysica* de Aristóteles afirma o ato de conhecer (εἰδέναι) como próprio do animal humano, o que é justificado pelo prazer da percepção sensorial. A capacidade da percepção é compartilhada entre animal humano e animais não-humanos, isso porque a percepção é precisamente o que determina o animal enquanto animal (*DA* II, 2, 413b et seq.).³ É a partir da percepção que em alguns animais a memória é possível, no entanto, somente possuem memória aqueles animais que percebem o tempo (*DM* I, 449b28–30; 450a15–19). Por sua vez, esses animais que possuem memória são mais inteligentes e capazes

² *Met.* I, 1, 980a22–980a27 All men by nature desire to know. An indication of this is the delight we take in our senses; for even apart from their usefulness they are loved for themselves; and above all others the sense of sight. For not only with a view to action, but even when we are not going to do anything, we prefer sight to almost everything else. The reason is that this, most of all the senses, makes us know and brings to light many differences between things.

³ *DA* II, 2, 413a32–413a34 This power of self-nutrition can be separated from the other powers mentioned, but not they from it—in mortal beings at least. The fact is obvious in plants; for it is the only psychic power they possess. *DA* II, 2, 413b1–413b13 This is the origination power the possession of which leads us to speak of things as living at all, but it is the possession of sensation that leads us for the first time to speak of living things as animals; for even those beings which possess no power of local movement but do possess the power of sensation we call animals and not merely living things. The primary form of sense is touch, which belongs to all animals. Just as the power of self-nutrition can be separated from touch and sensation generally, so touch can be separated from all other forms of sense. (By the power of self-nutrition we mean that part of the soul which is common to plants and animals: all animals whatsoever are observed to have the sense of touch.) What the explanation of these two facts is, we must discuss later. At present we must confine ourselves to saying that soul is the source of these phenomena and is characterized by them, viz. by the powers of self-nutrition, sensation, thinking, and movement.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

de aprender⁴ (*Met. I, 1, 980a28– 980b25*).⁵ Aristóteles hierarquiza as capacidades cognitivas de modo que a memória está posicionada como fundamento ao aprendizado e ao conhecimento. Através da interdependência de capacidades biológicas e psíquicas que o sistema aristotélico configura, de capacidades mais básicas e comuns até as capacidades mais elevadas dentre os seres que possuem algum nível mental, Aristóteles introduz as capacidades que são exclusivas ao humano, as atividades mentais próprias do *nous*, a *techné* e o *logos*.⁶

A memória, como dito anteriormente, ocupa um nível intermediário nessa hierarquia, ela é uma capacidade que, além de estar presente no animal humano, também está presente em alguns animais não-humanos, e é um poder fundamental para outros mais elevados, *e.g.* a experiência, *empeiria* — esse último, embora pouco frequente, também está presente em alguns animais não-humanos, a depender da sua sagacidade (*phronesis*). Assim, o comentário inicial sobre a memória em *Met. I, 1* serve de fundamento para introduzir a discussão sobre o que é mais elevado na hierarquia aristotélica, o conhecimento e as ciências, e dentre as ciências, a ciência das primeiras causas (*Met. I, 3*).

Além da *Metaphysica*, as referências à memória estão espalhadas através da obra aristotélica. Nos textos que referenciam a presente análise, a memória é abordada na *Metaphysica* (*Met. I, 1*) e na *Physica* (*Phys. V, 2; VII, 3*), também no *De Anima* (*DA I, 4; III, 3*), e no *De Sensu* (*DS I*). Entretanto, a memória somente é tratada em profundidade no pequeno tratado *De Memoria*, no qual Aristóteles estabelece a sua contribuição ao tema, o que se pode considerar como teoria aristotélica da memória.

É sabido que Aristóteles não foi o primeiro a se ocupar do tema da memória (*mneme*) e da anamnese (*anamnesis*). Entre os filósofos da antiguidade grega, Platão, mestre de Aristóteles, elaborou tematicamente os mesmos conceitos, a memória e a anamnese, entre os seus escritos. Chappell (2008, p.385 et ss.) divide em três temas principais (i) a memória como conhecimento através do tempo, (ii) as discussões sobre o lembrar e a anamnese no *Meno* e no *Phaedo*, (iii) os exemplos do bloco de cera e do

⁴ Para Aristóteles, o aprendizado se dá pela combinação da audição e da memória (*Met. I, 1, 980b21 et seq.*). Nesse mesmo sentido, em *DS 437a et seq.* ao discutir sobre a relação dos sentidos e o intelecto ele afirma que entre os sentidos, a privação congênita da audição é pior que a privação da visão, pois na sua concepção, marcada pelos julgamentos de sua época, a audição era o sentido próprio da aprendizagem, o que ele destaca que os surdos seriam menos capazes de aprender. Essa perspectiva indica uma dominância da oralidade no processo de ensino-aprendizagem e uma visão marcadamente negativa sobre pessoas com deficiência na antiguidade helênica

⁵ *Met. I, 1, 980a28–980b25* *By nature animals are born with the faculty of sensation, and from sensation memory is produced in some of them, though not in others. And therefore the former are more intelligent and apt at learning than those which cannot remember; those which are incapable of hearing sounds are intelligent though they cannot be taught, e.g. the bee, and any other race of animals that may be like it; and those which besides memory have this sense of hearing, can be taught.*

⁶ *Met. I, 1, 980b10* τὸ δὲ τῶν ἀνθρώπων γένος καὶ τέχνη καὶ λογισμοῖς.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

aviário no *Theatetus*. Não é fortuito que Aristóteles tenha se interessado pelo tema da memória.

Contudo, o tratamento dado por Aristóteles ao tema diverge, e muito, de seu antecessor. Isso é explicado pela diferença de princípios estabelecidos para derivar as suas conclusões. A concepção aristotélica de mente, o funcionamento das atividades mentais, sobretudo, a percepção, e, além, de suas concepções de tempo e movimento; sobre essas bases se estabelece a diferença entre concepções de memória.

Aristóteles, em seu tratado *De Memoria*, estabelece relação entre a memória e o movimento. Em *DM I* e, sobretudo, em *DM II*, ao explicar a memória, o lembrar e a anamnese ele descreve movimentos que ocorrem nos processos mnêmicos, os quais explicam como a memória, o lembrar e a anamnese acontecem, por descrição de processos fisiológicos ou por analogias. O movimento é, enquanto categoria aristotélica, explicativo da memória. Com isso também é explicada a relação entre tempo e memória, uma vez que o tempo também é explicado pelo movimento (*Phys. IV, 10–14, 217b29–224a18*), o que coloca o entendimento do movimento e de suas relações com a memória como necessários à compreensão e explicação do tratado e, portanto, da memória, do lembrar e da anamnese.

A relação memória e movimento pode ser entendida nas seguintes condições:

1. Movimento e memória são relacionados de modo que a memória pode ser explicada em sua relação com o movimento;
2. Por movimento, *κίνησις* e *cognatos*, Aristóteles genericamente refere-se a movimento, e o tratado abrange diferentes casos de movimento nos processos mnêmicos, sem classificar de qual tipo;
3. O movimento é genericamente referido nos processos mnêmicos ou indiretamente inferido por analogias explicativas.

As condições asseveram que: (1) é possível explicar a memória através da sua relação com o movimento; (2) embora o movimento sirva para explicar a memória, ele não é classificado em tipo específico de movimento, somente é referido genericamente; (3) o movimento está presente no tratado utilizado diretamente, sem especificar o tipo de movimento, ou indiretamente, através de analogias, sem utilizar o termo movimento.

Nestas condições, a relação entre movimento e memória é evidenciada através:

1. Da relação de memória e tempo, em 449b10–449b28, da medida do tempo, da contagem de movimentos, em 452b35–453a11 (cf. *Phys. 221b7–14*);
2. Da velocidade da atividade mental, em 449b7–9, 450b10–12 (*Phys. 218b15–218b18*);
3. Da mudança (*μεταβολή*):
 1. *Μεταβολή*, a metacognição da memória, em 451a3–9,



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

2. *Ἐξισταμένοις*, o caso de Antífero de Oreus, em 451a9–13;
4. Dos movimentos da memória e da anamnese:
 1. Da anamnese, movimento e sequência de movimentos, por natureza e por hábito, em 451b12–19, 451b20–21;
 2. Da série, cronologia ou associação de ideias, e os seus movimentos, em 451b21–26, 452b17–25;
 3. Da memória em ato, movimentos sincrônicos, tempo e objeto, em 452b26–35;
 4. Do princípio, ponto de partida do movimento e do controle ou da falta de controle da anamnese, em 451b33–452a7, 452a7–18, 453a23–28.
 5. Da metáfora do carimbo, em 450a27–450b;
 6. Da metáfora do fluxo d'água, em 450b–9.

A relação entre movimento e memória seguirá a exposição em três tópicos: (1) a relação entre memória e tempo; (2) a velocidade da atividade mental; (3) os movimentos da memória e da anamnese.

A relação entre memória e tempo

A relação entre memória e tempo é introduzida ao tratado em 449b11–449b26. São relacionadas atividades cognitivas específicas às diferentes partes do tempo:⁷ a expectativa e a opinião são próprias do tempo futuro (449b11–15); a percepção é própria do tempo presente (449b25–28); e, a memória é própria do tempo passado (449b15). Aristóteles conclui, a partir desta primeira posição, a dependência da memória com relação à passagem do tempo (449b28).

Sorabji (1972, p. 66) e Annas (1995, p. 302) apontam que Aristóteles não faz referência explícita ao presente especioso, embora reconheça o problema do tempo presente, da passagem do tempo e a relação com a memória, isto é, se a memória está no passado próximo, esse tempo que participa do presente especioso, se há memória de eventos que acabaram de acontecer ou se o conhecimento destes pertence a percepção. Medda (2009, p. 10), em referência a Sorabji (2006 [1972]) e Annas (1992 [1995]), defende que o presente aristotélico é o presente instantâneo,⁸ o agora (*vũv*), e argumenta

⁷ Neste sentido, em *Phys.* IV, 10, 217b29–218a8, as partes do tempo são divididas segundo graus de realidade, o que em *DM* a divisão das partes do tempo é segundo atividades cognitivas, as atividades cognitivas se relacionam com diferentes graus de realidade.

⁸ Em *Phys.* IV, 11, 219b13–219b34, Aristóteles explica o agora ser em um sentido sempre o mesmo e em outro sempre diferente. O agora é, enquanto meio do tempo, um e o mesmo e, enquanto o que é carregado pelo tempo, é sempre diferente.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

que a persistência da percepção após o instante se dá em função da memória, mesmo que não seja um caso de lembrar.

Aristóteles apresenta a melhor elaboração da relação entre memória e lapso de tempo em 451a27–451b. A memória é dependente da passagem do tempo ou do lapso temporal (*χρονισθηῖναι*, *chronestai*). A memória de objetos da percepção ou, acidentalmente, de objetos da inteligência, está no tempo passado e ocorre através de meio que permite o ato mnemônico ou anamnético, a impressão — tratada mais adiante.

Não existe memória antes do lapso de tempo, porque ao lembrar da percepção ou de estímulo anterior, o estímulo não é do que é presente, e ao lembrar. Percepção e memória não coocorrem aos mesmos estímulos.

A memória somente acontece após a passagem do tempo presente para o tempo passado, o que constitui a fundamentalidade do tempo para a memória. Esse argumento é iniciado em 449b11–449b26 e continuado em 425a14–425b4, sobre os sentidos próprios e os sensíveis comuns, que são objetos comuns à percepção de mais de um sentido. Tudo percebemos por meio do movimento.

Aristóteles resume a relação entre tempo e memória na passagem 451a27–451b, no início da segunda parte do tratado. Nela, ele afirma a passagem temporal como necessária à memória a partir das determinações dispostas anteriormente:

Então, enquanto ocorre o estímulo não é possível recuperá-lo [não há memória do que acontece enquanto acontece]. Ademais, quando é primeiramente produzido no indiviso e último órgão da percepção [na percepção comum], o estímulo atual já está inerente em quem foi estimulado ou tem conhecimento, se necessariamente chamamos conhecimento um estado ou um estímulo [451a30] (nada impede que por acidente se possa lembrar algo de que se tem conhecimento); no entanto, [a disposição para] lembrar em si não existe ainda, sem a passagem do tempo; porque agora lembra da imagem do que foi percebido ou estimulado anteriormente, não do que é estimulado agora, que agora lembra (*DM*, 451a27–451b).

A dependência da memória em relação ao tempo também está aprofundada em 452b35–453a11. Aristóteles refere-se à determinação ou indeterminação do tempo passado, porque é possível lembrar através de medida determinada de tempo (a famosa série B de McTaggart) ou através de medida indeterminada (ausência da série B ao lembrar). Assim, o lembrar aristotélico está indissociável da temporalidade passada, no entanto, não requer a determinação da medida do tempo passado. O passado está como algo que é dito que ouviu, viu ou sentiu. Nesse sentido, a temporalidade passada é um aspecto metacognitivo da memória aristotélica.

A distinção que Aristóteles evidencia é a diferença entre a dependência temporal, entre memorizar e fazer a anamnese, diferença que, como é salientado, não se limita ao tempo, senão que, enquanto a memória está presente em outros animais, a anamnese é exclusiva do animal humano.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

A memória e a anamnese se diferenciam em relação ao tempo. Aristóteles inicia a segunda parte do tratado por estabelecer que anamnese não é nem a recuperação, nem a aquisição da memória, mas outra atividade, o que Medda (2009, p. 14) interpreta como “*the autonomous retrieval of the cognitive content of a memory trace*”, conforme 451b. A distinção entre a relação temporal da memória e a da anamnese está em que: (1) a memória é dependente de um lapso temporal para que os conteúdos da experiência, então potenciais conteúdos da memória, estabeleçam como memória; (2) a anamnese não depende do lapso temporal, não do mesmo modo, pois é possível realizar a anamnese imediatamente após o acontecimento, sem que ainda se tenha formado a memória, porque os conteúdos recuperados são os conteúdos experienciais que vão formar a memória, assim como através da anamnese é possível recuperar o que é uma memória.

Os movimentos da memória e da anamnese

As referências a movimentos atravessam o tratado *De Memoria*, de tal modo que o tratado pode ser interpretado através das maneiras que os movimentos explicam a memória.

Para Aristóteles há diferentes movimentos (κίνησις, kinesis). Nas Categorias (*Cat. 14*), são enumerados quatro tipos de movimentos:

- (1) a geração (γένεσις, genesis) e a corrupção (φθορά, phtora),
- (2) o aumento (αὔξις, auxesis) e a diminuição (μείωσις, meiosis),
- (3) a alteração (ἀλλοίωσις, alloiosis),
- (4) e a locomoção (κατὰ τόπον μεταβολή, kata topon metabole; φορά, fora).

G. R. T. Ross (1906, p. 10-11), sobre o *De Sensu*, apresenta a fisiologia aristotélica dos sentidos próprios. A sua interpretação destaca a distinção entre os sentidos da visão, audição e olfação, e os da gustação e tato. Os primeiros possuem um receptáculo neutro para as qualidades externas de mesma natureza, os últimos, por sua vez, combinam proporções de elementos básicos, os quatro elementos, para registrar as variações do objeto. Nesse sentido, os diferentes órgãos perceptivos atravessam diferentes modificações e os movimentos dos sentidos são relativos aos seus órgãos.

Os movimentos descritos em *Cat. 14* são aprofundados na Física. Assim, *kinesis* é o princípio das coisas naturais (*Phys. II, 1, 191b15*), pois estas dispõem nelas próprias princípios de movimento e de repouso no que concerne ao deslocamento, ou ao crescimento e ao decrescimento, ou a alguma alteração.

Em *Phys. 201a9-16*, a definição de movimento é dada: o movimento é a realização do que é potencialmente, e, enquanto tal, é potencialmente realizável. Por exemplo, a realização do que é alterável, enquanto alterável, é alteração, etc., e assim para os demais tipos de movimento. Também podemos falar de diferentes movimentos



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

para diferentes seres, então, a realização do que é memorizável, enquanto sendo memorizado, é a memorização. Não obstante, esse movimento da memória é um movimento entre os tipos de movimentos enumerados inicialmente. Cabe determinar qual.

Quais são os movimentos apresentados no tratado *De Memoria* (DM) e quais tipos de movimentos são? Dos movimentos descritos no sistema aristotélico, o DM explica a memória através de três: o movimento genérico, *kinesis*, a geração, *genesis* (verbo γίνουμαι), e a metáfora do deslocamento, *kata topon metabole*.

Acerca da relação entre movimento, percepção e memória, o movimento que está na percepção e, por extensão, na memória, é o movimento de alteração, *alloiosis*. Somente percebemos as qualidades e as quantidades de objetos. Do mesmo modo, não conseguimos pensar sem qualidade e quantidade, e os movimentos perceptivos na mente são mudanças qualitativas: a forma e a matéria são apreendidas enquanto qualidades.

Beare (1906, p. 235) apresenta a distinção aristotélica da classificação de objetos da percepção: (a) os próprios, *ta idia*; (b) os comuns, *ta koina*; (c) os acidentais, *ta kata sumbebekos*. Aristóteles se utiliza dessa divisão de objetos da percepção no *De Anima* para apresentar os sentidos próprios. Os cinco sentidos a que se referem sensações específicas, como o gosto e o som, são de objetos que são percebidos por um e apenas um sentido e sobre eles não é possível estar enganado: que o doce é doce, que o vermelho é vermelho. Por exemplo, a visão percebe propriamente a cor dos objetos, em comum percebe as suas linhas e formas, a sua magnitude, o seu movimento e o tempo; por acidente percebe que o objeto é uma pessoa e que essa pessoa é Corisco.

O movimento genérico no *De Memoria* referido por *kinesis* é mudança (*metabole*), um movimento indefinido que é a mudança de estado e se relaciona a alteração, a mudança de qualidades. As referências a movimento de modo genérico, *kinesis*, são abundantes na segunda metade do tratado *De Memoria*. São contabilizadas seis referências na primeira parte e trinta e nove na segunda. Sorabji (1972) reafirma a sua interpretação na segunda edição de sua tradução comentada (2004), que o movimento referido a *anamineskesthai* é do tipo genérico de mudança, *metabole*, como mudança interior sem causa externa.

A contagem de movimentos na memória (452b35–453a11) na passagem do tempo (cf. *Phys.* 221B7–14) é um modo de conhecer o tempo. Ao contar o movimento segundo o anterior e o posterior conhece-se o tempo; assim Aristóteles define o tempo nas suas investigações da física. Na memória, essa contagem está nos movimentos que são do objeto da memória e do tempo. Quando se tem memória, move-se simultaneamente em direção ao objeto da memória e no tempo passado. É somente quando há o movimento do objeto da memória, o conteúdo da memória, em consonância com o movimento da passagem temporal, que há memória.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

A anamnese, por sua vez, os seus movimentos e a sequência de movimentos que a compõem, que são por natureza através do hábito, são explicados em 451b12–19, 451b20–21. A recuperação da anamnese, como refere Medda (2009), ocorre a partir de um movimento no presente, a partir de uma imagem mental, ao que indica Aristóteles, em direção a outra imagem mental no passado, o que é o princípio de associação de ideias destacado por Sorabji (1972). A série de movimentos ocorre através da primeira imagem que leva a outra e assim sucessivamente até ao que se busca, como exemplificado em 452a15–18. Por hábito, ou seja, percorrer esse caminho com frequência, é possível fazer a anamnese mais facilmente: a habituação aos movimentos faz com que esse movimento ocorra como se fosse um movimento natural.

A associação de ideias, ou a série de movimentos, ou a cronologia, são melhores explicadas à luz de 451b21–26, 452b17–25. A caça, como se refere Aristóteles, a busca pela imagem mental a ser recuperada através da anamnese, ocorre então a partir de critérios associativos, como a parecência, a oposição e a contiguidade. A anamnese se segue de movimentos a partir destes princípios, estes são idênticos ao que se busca, outros são similares ao que é recuperado, ou uma terceira possibilidade são os que são distintos ou parcialmente distintos do que é recuperado: destes é realizado pouco movimento em direção ao que é buscado pela anamnese.

Aristóteles exemplifica a busca através de pontos representados por letras e as relações entre os conteúdos mentais possíveis de serem recuperados através de movimentos em 452b17–452b25. O que é apresentado são proporções de movimento entre as distantes: o ponto inicial e o ponto final.

O princípio ou ponto de partida do movimento e o controle ou a falta de controle da anamnese são explicados em 451b33–452a7, 452a7–18, 453a23–28. Por hábito, isto é, por repetição, os movimentos estabelecem uma tendência a se repetir. A repetição melhora a capacidade de fazer a anamnese e de recuperar com sucesso o que se quer lembrar. Acidentalmente a repetição do fazer a anamnese melhora a memorização. Ao estabelecer um caminho habitual para a anamnese, os movimentos se seguem como se fossem por natureza. Escolher um ponto de partida, isto é, uma imagem mental que inicia o movimento é importante na medida que determina o caminho, a sequência de movimentos e a chance de sucesso na realização da anamnese.

Aristóteles apresenta a distinção entre anamnese e reaprendizagem em 452a5–452a7. A anamnese é a possibilidade de mover a partir do princípio em direção ao que se busca, o que é distinto do processo de aprender algo, no qual não é possível saber o destino a partir do princípio. Do mesmo modo, a impossibilidade de ter o princípio internamente, impossibilita a anamnese. Para partir e chegar em imagens mentais a metáfora de lugares é utilizada, então para ir de um a outro lugar é necessário estabelecer um ponto de partida e um ponto de chegada, como no exemplo de associação de 452a15. Portanto, lembrar é ter a possibilidade de mover de maneira bem-sucedida. Por fim, a anamnese não é controlada por aquele que a realiza, uma vez



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

iniciado o movimento, como uma pedra arremessada, já não é possível controlar o seu destino.

O movimento da memória e da anamnese é, no tratado, referido genericamente. Ele é indefinido no texto, simplesmente referido por *kinesis* e *cognatos*. Não obstante, a partir das condições que são apresentadas, é possível interpretar que o tipo de movimento envolvido na atividade mental e, portanto, na memória, é a mudança de qualidades, Ἀλλοίωσις, alteração, movimento de qualidades, como movimento próprio da atividade mental. Isso porque a percepção somente apreende as propriedades das substâncias e não a própria substância, ou seja, as suas qualidades. É evidente que o movimento da memória não se trata de aumento e diminuição. Além disso, dos objetos, o que é percebido são suas qualidades: é possível inferir que ou o movimento fisiológico envolvido na associação de ideias é de um tipo indefinido, ou é de qualidades que se alteram entre um estado e outro, entre imagens.

A velocidade da atividade mental

Aristóteles relaciona a capacidade de memorizar à velocidade da atividade mental em 449b7–9, 450b10–12. Apesar de Aristóteles não se dedicar extensamente à velocidade em sua filosofia natural, a velocidade é inclusa na explicação da memória.

No contexto do tratado *De Memoria*, Aristóteles discute a velocidade em relação às atividades mentais. Ele considera a rapidez e a lentidão das atividades mentais como fatores determinantes nas condições de formação da memória.

Aristóteles argumenta que a velocidade das atividades mentais influencia diretamente a memorização, a capacidade de retenção e a capacidade de recuperação da memória. Por exemplo, se uma pessoa processa informações rapidamente, ela terá maior facilidade em memorizá-las e reter detalhes importantes. Da mesma forma, a velocidade na recuperação da memória afeta a prontidão em lembrar e evocar informações armazenadas anteriormente.

A atividade mental rápida ou devagar (ver 449b7–9, 450b10–12) são apresentadas como determinantes nas condições de formação da memória, isto é, na memorização, na capacidade de retenção, e na capacidade de recuperação da memória. Em 449b7–9 a memória é relacionada ao modo como ocorre a atividade mental. Se a atividade mental é rápida, então é mais fácil realizar a busca própria da anamnese. Por sua vez, se a atividade mental é lenta, então é melhor a memorização.

Essa distinção é evidenciada nas metáforas utilizadas por Aristóteles para explicar a memória. Na metáfora do carimbo (450a27–450b), a duração da impressão sobre a superfície determina a qualidade da memória de ser duradoura com o passar do tempo. Na metáfora do fluxo d'água (450b–9), a velocidade do fluxo, a passagem do tempo no amadurecimento ou no envelhecimento, determinam a possibilidade de formar a memória ou não.



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

Em ambas as metáforas a noção de velocidade é determinante da possibilidade de retenção. Na metáfora do carimbo é o tempo da impressão: quanto mais rápidas as imagens da percepção passam pela memória, menos são retidas, pois, como dispõe Aristóteles inicialmente, os memorizadores são de atividade mental lenta 449b7–9. Por sua vez, a metáfora do fluxo d'água (450b–9) diz respeito à velocidade das mudanças no corpo que percebe: se o corpo está passando por uma série de mudanças, como na infância, dada a velocidade com que muito acontece em pouco tempo, a retenção não é possível. No entanto, ambas as metáforas são entendidas sobretudo por seu caráter de local da memória, a impossibilidade em função da superfície (de características do órgão) para não haver memória ou memorização.

A mudança

A mudança, na filosofia aristotélica, não é um tipo de movimento como o descrito anteriormente. Nesse sentido, Aristóteles descreve mudanças que estão na fisiologia da memória. São os casos da *Μεταβολή*, a metacognição da memória (451a3–9); da *Ἐξισταμένοις*, o caso de Antífero de Oreus (451a9–13); e da metáfora do carimbo (450a27–450b).

Aristóteles, em 451a3–9, afirma que, às vezes, não temos conhecimento claro de quando esses movimentos ocorreram em nossa mente porque, ao percebê-los anteriormente, surgem dúvidas sobre se estão reproduzindo corretamente o que foi percebido e se são, de fato, memória. E por não saber se, de fato, o que dispomos no presente, experienciamos anteriormente e recuperamos como memória, ou se estamos imaginando, assim temos memória falsas.

A geração (*γένεσις*, *genesis*) e derivados não são considerados propriamente um movimento, senão uma mudança. Nesse sentido, como afirmado, a interpretação de Sorabji (1972, 2004) considera que os movimentos envolvidos na memória, o uso de *kinesis* para explicar de modo genérico a existência de um movimento envolvido, refere-se à mudança. A geração não pode ser considerada um movimento porque não parte de um ponto a outro, do que existe a outro que existe, ou do que existe ao que existe de modo subjacente. Por exemplo, do um para o dois, no aumento, da memória para o esquecimento, na alteração, de um local para outro, na locomoção. A geração é o que parte do não-existir para o existir.

Em 450a30 é introduzida a metáfora do carimbo para explicar a geração da memória. Aristóteles diz que o movimento gerado registra como uma cópia o percepto, como são os registros com carimbos (*ἡ γὰρ γινομένη κίνησις ἐνσημαίνεται οἷον τύπον τινὰ τοῦ αἰσθήματος, καθάπερ οἱ σφραγιζόμενοι τοῖς δακτυλίοις*). O movimento gerado se refere ao movimento na percepção, que reproduz o que é percebido, a memorização. O movimento de gerar a memória imprime na superfície lábil do órgão da memória, dadas as condições do órgão, onde é registrada a percepção (ou outro estímulo na memória). Na metáfora do carimbo, Aristóteles utiliza terminologia que se refere à



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

mecânica do registro com carimbo: *ensemainetai*, o marcar. Pois o movimento gerado marcou [ἐνσημαίνεται] como um impresso [τύπον] do percepto [αἰσθήματος], tal qual se registra [σφραγιζόμενοι] com sinetes.

O caso de Antífero de Oreus (451a9–451a13), apresentado ao final da primeira parte do tratado, exemplifica a instabilidade daqueles que mudam de estados frequentemente, isto é, que mudam com frequência os estados mentais. As imagens não são as mesmas que se têm da experiência e as que se têm na memória, e as imagens para o Antífero são imagens que não foram experienciadas, mas ele crê erroneamente que sim. Nesse caso, tomar como imagem cópia do que foi experienciado no passado, porém nunca foi cópia, é somente uma imagem mental.

Referências

ARISTÓTELES. Da memória e da revocação. BINI, E. (trad.). In: ARISTÓTELES. *Parva naturalia*. BINI, E. (trad.). São Paulo: Edipro, 2012.

ARISTÓTELES. De la mémoire et de la réminiscence. SAINT-HILAIRE, J. B. (trad.). In: SAINT-HILAIRE, J. B. (trad.; org.). *Psychologie d'Aristote: opuscules*. Parva Naturalia. Paris: Dumont, 1847, p. 99-136.

ARISTÓTELES. De memoria et reminiscencia. McKEON, R. (trad.). In: McKEON, R. (org.). *The Basic Works of Aristotle*. Nova Iorque: Random House, 1941, p. 607-617.

ARISTÓTELES. On Memory. BEARE, J. I. (trad.). In: BARNES, J. (org.). *The Complete Works of Aristotle: The Revised Oxford Translation*. v. 1. 4 ed. Nova Jersey: Princeton University Press, 1991.

ARISTÓTELES; BLOCH, E. (trad.; org.) *Aristotle on Memory and Recollection: Text, Translation, and Reception in Western Scholasticism*. Leiden: Brill, 2007.

ARISTÓTELES; ECHANDÍA, G. R. (trad.) *Física*. Madri: Gredos, 1995.

ARISTÓTELES. *Physica*. Recognvit brevique adnotatione critica instruxit. ROSS, W. D. (org.). Nova Iorque: Oxford UP, 1950.

ARISTÓTELES. Physics. HARDIE, R. P.; GAYE, R. K. (trad.). In: BARNES, J. (org.). *The complete works of Aristotle: the revised Oxford translation*. v. I-II, 5. ed. Nova Jersey: Princeton UP, 1995 [1. ed. 1984].

ARISTÓTELES; SORABJI, R. (trad.; org.) *Aristotle on Memory*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2006 [1. ed. 1972].



4º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia * 18 a 31 de maio de 2026

ARISTÓTELES; CARBONE, A. L. (trad.; org.) *La Memoria e il Richiamo alla Memoria*. L'Anima e il Corpo: Parva Naturalia. Milano: Bompiani, 2002.

ARISTÓTELES; ROSS, G. R. T. (trad.; org.) *De Sensu and De Memoria: Text and Translation with Introduction and Commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1906.

BERNECKER, S. *The Metaphysics of Memory*. Nova Iorque: Springer, 2008.

BERNECKER, S.; MICHAELIAN, K. (orgs.). *The Routledge handbook of philosophy of memory*. Nova Iorque: Routledge, 2017.

BLOCH, E. (trad.; org.). *Aristotle on Memory and Recollection: text, translation, and reception in western scholasticism*. Leiden: Brill, 2007.

MEDDA, R. *Aristotle's On Memory and Recollection: Concepts, Sources, and Innovations of Aristotle's Account of Mnemonic Capacities and Activities*. Disponível em: Durham E-Theses Online <<http://etheses.dur.ac.uk/43/>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

PUENTE, F. R. (trad.). Aristóteles, "Tratado do tempo", Física IV 10-14. In: PUENTE, F. R.; BARACAT, J. J. *Tratados sobre o tempo: Aristóteles, Plotino e Agostinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 17-51.

PUENTE, F. R. *Os sentidos do tempo em Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2001.

SCHAFFER, J. On what grounds what. In: CHALMERS, D. J. et al. (orgs.). *Metametaphysics*. New essays on the foundations of ontology. Nova Iorque: Oxford UP, 2009, p. 347-383.

TULVING, E. *Elements of Episodic Memory*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1983.